

## OS ASSASSINOS DO SOL: uma história dos paradigmas filosóficos

Luís Gabriel Provinviatto

AMARAL, Márcio Tavares d'. **Os assassinos do sol: uma história dos paradigmas filosóficos**. Patrística – séculos I a VIII. v. 1. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2015. 240 p.

O modo peculiar como a cultura ocidental, amplamente marcada pelo advento do cristianismo, está apresentada é o principal ponto a ser destacado dessa obra, que se constitui como transcrição de aulas ministradas em vários cursos na Escola de Comunicação da UFRJ. Em vários momentos Tavares anuncia que se fala da história dessa cultura – a nossa cultura – a partir de seu ocaso, isto é, a partir do fim da História. Uma das intenções do livro, então, é justamente essa: para anunciar o “fim” da História é preciso compreender como seu nascimento se deu, retornando ao agora tão distante século I d.C. e ver que nele houve um encontro marcante entre duas outras fontes culturais, a judaica e a grega.

Tendo esse primeiro aspecto em vista é possível compreender a estrutura da obra: iniciada por uma *Abertura*, cuja finalidade é colocar o leitor a par dos principais

acontecimentos que marcam o despertar da cultura ocidental, o autor faz alguns saltos históricos mostrando introdutoriamente a consolidação do pensamento grego, o início e consolidação do povo judeu e o nascimento do cristianismo. A essa abertura segue um *Prefácio* e as doze aulas ministradas pelo autor, responsáveis por abarcar um período histórico entre o primeiro e o oitavo século do cristianismo. Noutras palavras: o primeiro volume da obra de Tavares se ocupa exclusivamente da *Patrística*.

Antes de adentrar a algumas considerações a respeito dos capítulos é importante frisar a ideia destacada várias vezes por Tavares: o ponto de partida não é o surgimento da cultura grega – um dos pilares da nossa cultura – e nem com Abraão – o outro pilar; o ponto de partida é justamente o momento de encontro de ambas as realidades: o século I. Por isso, o

volume I de *Os assassinos do sol* se ocupa com todo o período de consolidação da cultura ocidental, marcada pelo encontro de gregos e judeus e por ser, como anota Tavares, nem grega, nem judaica e, ao mesmo tempo, grega e judaica.

Com essa estrutura em mente, lê-se o primeiro capítulo e se percebe o seguinte: o ocaso do sol que se vive hoje é o da cultura nascida do encontro entre gregos e judeus – duas culturas diferentes que deram origem a uma nova e que, por sua vez, está, na visão do autor, encerrando-se. A primeira principal intenção, então: fazer perceber que tanto a cultura judaica quanto a cultura grega viveram concomitantemente no início do desenvolvimento de uma nova cultura. Essa nova cultura não é grega e nem judaica, sendo, ao mesmo tempo, grega e judaica. Isso configura um paradoxo: um paradoxo sobre o qual nasce a nossa cultura.

Essa ideia de paradoxo é levada adiante pelo autor justamente com o intuito de criar um ambiente no qual as duas culturas se encontraram. Por isso, não se trata de falar de continuidade e/ou ruptura, mas a todo momento tratar do paradoxo.

Essa lógica apresentada por Tavares, porém, necessita de uma fundamentação conceitual para que seja minimamente compreendida pelos leitores. Nesse sentido, o segundo capítulo é uma interrupção para mostrar que antes das questões colocadas pelos cristãos já havia gregos e judeus. O foco do capítulo, no entanto, repousa sobre os gregos, apresentando como foi possível ao pensamento grego focar todas as suas questões em volta de uma única questão, a questão do ser. A intenção aí percebida é clara: identificar a passagem da potência do pensamento dos pré-socráticos para uma unidade de pensamento dos clássicos (Sócrates, Platão e Aristóteles). Isso significou uma passagem da multiplicidade para a singularidade, da simultaneidade das diferenças para a configuração de uma identidade.

Terminada essa primeira interrupção, segue-se o terceiro capítulo, que pode ser demarcado por três momentos bem determinados, embora não explicitamente: 1) a continuidade da argumentação de que houve um encontro entre duas maneiras diferentes de compreender a realidade e de que há a fundação de uma nova cultura; 2) a primeira divisão

em padres apostólicos e apologetas; 3) a importância dos padres apologetas para a defesa do cristianismo nascente, donde a citação de duas figuras: Marciano Aristides e Justino.

Esse capítulo inicia as considerações mais específicas sobre a Patrística: os séculos I e II são marcados justamente por esse período de transição entre as culturas, cujas características a nova cultura cristã agrega em si, acolhendo-as e propagando-as. Esse período não formula doutrinas – característica marcante dos séculos III, IV e V –, mas propõe a defesa e a expansão do cristianismo. Aí está a importância dos padres apostólicos e apologetas, com destaque para as figuras acima mencionadas.

O trecho entre o quarto e o sexto capítulo compreende a formação e o desenvolvimento da Patrística oriental e, por isso, formam um eixo comum dentro da obra. Esse panorama é caracterizado no início do quarto capítulo como: “estamos acompanhando a formação da Patrística oriental, *grega*” (TAVARES, 2015, p. 95). Dessa maneira, os pensadores aí apresentados se configuram como estando mais próximos do pensamento grego que os

latinos – com os quais Tavares irá se ocupar a partir do oitavo capítulo – e isso aparece explicitamente a partir daquilo que ficou conhecido como “movimento gnóstico”.

O quarto capítulo traz a figura de Justino como fundamental para compreender o combate ao gnosticismo. No entanto, Tavares alerta para o seguinte: o movimento gnóstico não foi algo que aconteceu só externamente ao cristianismo, ou seja, há gnósticos também no interior da comunidade primitiva cristã. Uma das características dos padres apologetas, tal qual Justino, foi justamente defender o cristianismo do pensamento gnóstico que, de maneira geral, “busca um conhecimento religioso distinto da pura fé” (TAVARES, 2015, p. 102). A gnose, então, priorizava a fé como um modo de conhecimento que pode ser acessado estritamente pelo *logos*, de tal maneira que a crença se torna dispensável num sistema gnóstico. Esse ponto fez com que os padres apologetas combatessem o gnosticismo, vendo que ele oferecia um risco à própria essência do cristianismo.

A gnose em si é alvo do quinto capítulo, no qual Tavares expõe três de

suas principais características, a saber: 1) ser um sedutor modelo de explicação, embora não sistêmico; 2) uma doutrina informe que mesmo assim atraiu vários seguidores; 3) sempre buscou uma identidade própria. Nesse sentido, de maneira resumida, pode-se afirmar sobre a gnose: foi um movimento formado por pequenos grupos e correntes de pensamento que não chegou a se constituir como um conjunto, embora buscasse a criação de uma identidade. Destacam-se três figuras ao longo do capítulo: Basíledes, Carpócrates e Valentino. Além destes, ao final do capítulo o autor separa um espaço para tratar sobre Mani, precursor do maniqueísmo, movimento que exerceu influência num dos principais pensadores cristãos: Agostinho de Hipona.

O quinto capítulo está explicitamente ligado ao sexto, pois neste trata-se justamente dos primeiros antignosticos: Irineu e Hipólito. A principal característica dos antignosticos aí mencionados é a tentativa de recuperação da veracidade da fonte cristã, pois para eles o modo como a Gnose estava sendo construída distorcia as primeiras fontes cristãs. Nesse sentido, pode-se falar de uma

Gnose cristã, marcada pelo resgate das fontes originárias do cristianismo.

Uma das primeiras elaborações cristãs é a partir de uma fala de Cristo: “Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida”. Tavares se demora nessa citação mostrando sua raiz grega (caminho e verdade) e sua originalidade cristã (vida). Esse trecho do capítulo deixa presente nas entrelinhas um fator peculiar: a passagem bíblica analisada se encontra justamente no Evangelho de João, o único escrito em grego, no qual o Cristo é identificado ao *logos* de Deus. Um elemento a ser percebido com uma leitura atenta aos detalhes.

O sexto capítulo encerra a discussão a respeito da Patrística oriental mostrando com maior precisão as principais características dos textos de Irineu e Hipólito.

O trecho entre o sétimo e o nono capítulo também pode ser agrupado a partir de um panorama comum: os dois primeiros séculos de desenvolvimento da Patrística no Ocidente. O estilo de apresentação dos capítulos continua o mesmo, isto é, os autores vão sendo apresentados aos poucos e, com isso, nasce uma configuração do que foi a Patrística no Ocidente. O sétimo capítulo, no entanto, traz algo interessante e

fundamental para o desenvolvimento dos demais: nele o autor mostra algumas outras características que vão distinguir a Patrística ocidental da oriental, dando destaque para o fato de que os orientais priorizaram a dimensão contemplativa da fé, adotando e dando continuidade ao viés grego, ao passo que os ocidentais fizeram um corte romano, colocando a importância na experiência imediata da fé, ou seja, a dimensão prática possui a primazia frente à dimensão especulativa. Desse modo, Tavares afirma que há duas culturas cristãs nascendo concomitantemente.

A figura de Tertuliano é apresentada no sétimo capítulo e faz a ponte necessária com o oitavo, no qual aparecem mencionados Clemente de Alexandria, Orígenes, Basílio, Gregório de Nazianzo e Gregório de Nissa. Esse repertório maior aí se justifica porque nos séculos III e IV acontece um primeiro momento de doutrinação da fé cristã, ou seja, nesse período são instalados alguns dogmas e é quando se confecciona o credo niceno-constantinopolitano. Além disso, uma parte do capítulo mostra como o pensamento cristão no Ocidente tocou mais incisivamente a noção de *logos* grega: trata-se de fazer um resgate para

perceber que a ideia de *logos* grego diz respeito a reunião e dispersão, o que ainda estava se consolidando no pensamento cristão ocidental.

Tavares ainda indica nesse oitavo capítulo que o cristianismo toma esse ideal de *logos* e o associa com a concepção judaica de criação. Nesse sentido, após um período de apologética, faz-se necessário consolidar as estruturas da fé. Os padres desse período, incentivados pelo ideal de *logos*, perguntam, de fato, pela natureza, qualidade e eficácia desse termo. Esse movimento gerará algumas ideias interessantes e importantes para a consolidação do cristianismo, donde a relevância dos pensadores mencionados.

O nono capítulo se debruça na discussão a respeito de um dos mais importantes fundamentos cristãos: o dogma da Santíssima Trindade. A figura de Gregório de Nissa é novamente lembrada e as discussões já antecipam a próxima parte da obra: o trecho entre os capítulos dez e onze. Essa parte da obra é considerada como o ápice da Patrística porque nela se encontra o pensamento de Santo Agostinho.

Esses capítulos se desenvolvem em torno do pensamento de Santo

Agostinho, colocando o acento no seguinte: Agostinho é o ápice do desenvolvimento da Patrística e isso significa que ele herda uma Tradição e coloca novas questões no ambiente cristão, agora em sua primeira fase final de consolidação. Agostinho de fato assume a perspectiva latina e isso significa o seguinte: a figura do homem – ser humano – entra definitivamente em cena. A questão da Patrística oriental voltada à discussão com os gregos, sobretudo, a respeito do ser é deixada de lado para ser retomada posteriormente, ainda com o mesmo Agostinho. O primeiro encaminhamento realizado é uma conversão rumo à interioridade do homem. Agostinho, nesse sentido, desenvolve uma antropologia cristã e não propriamente uma epistemologia.

Pode-se perceber a intenção de Tavares de maneira muito clara nesses capítulos: mostrar que Agostinho é responsável por uma guinada no pensamento cristão, dando ao ser humano um local de prestígio e colocando Deus na interioridade do próprio homem. Na verdade, Agostinho inaugura uma relação entre imanência e transcendência, um dos eixos da nossa cultura. O capítulo décimo se encerra mostrando que a

cultura cristã exige a elaboração de uma teologia, dadas suas fontes gregas e judaicas. Essa teologia possui seu ápice na metafísica grega, mas tem como base a revelação de Deus, isto é, o campo da imanência, da experiência fundamental, herança da fonte judaica. Eis uma ponte com o décimo primeiro capítulo, que se ocupa, na verdade, com a apresentação da teologia agostiniana e com sua eficácia, bem como com o combate aos maniqueus e aos pelagianos. No contexto de combate às heresias, Tavares vai inserindo alguns aspectos típicos da filosofia-teologia de Agostinho, tais como a discussão sobre a alma, o mal, a criação e a essência de Deus.

O último capítulo da obra ainda dá destaque a Agostinho, mas agora com a intenção de mostrar o desfecho da Patrística. Isso dá ao capítulo um duplo aspecto: 1) mostrar que a obra de Agostinho não é somente uma defesa da dogmática cristã, mostrando que ela também se ocupa com a política e a ética, isto é, com a vida comum, donde a relevância da obra *A cidade de Deus*; 2) mostrar que após a morte de Agostinho aconteceu um grande silêncio na Europa, pois tanto no Ocidente quanto no Oriente pouco se produziu, muito se repetiu.

Ao final do primeiro volume de sua obra intitulada *Os assassinos do sol*, Tavares dá algumas referências bibliográficas, bem como alguns dados biográficos dos pensadores citados na obra. Por fim, recomenda-se a leitura desta obra a todos aqueles que estejam interessados em compreender melhor alguns fundamentos da cultura, a nossa cultura. Há de se esperar ainda pelos volumes posteriores para perceber como tais fundamentos se desenvolveram, tomando diversos aspectos e seguindo um caminho já conhecido por alguns de nós, o caminho da cultura e do pensamento.

---

**LUÍS GABRIEL PROVINCIIATTO**

Mestre em Ciências da Religião pela Pontifícia Universidade de Campinas. Atualmente é doutorando em Ciência da Religião pela Universidade Federal de Juiz de Fora. Bolsista CAPES. E-mail: lgprovinciatto@hotmail.com

*Recebido em: 24/04/2017*  
*Aprovado em: 06/03/2018*